

AS JUVENTUDES E O ENSINO MÉDIO: PERSPECTIVAS DE FUTURO

LAS JUVENTUDES Y LA EDUCACIÓN SECUNDARIA: PERSPECTIVAS DE FUTURO

YOUTHS AND HIGH SCHOOL: FUTURE PERSPECTIVES



Mara Regina ZLUHAN¹
e-mail: mara.zluhan@gmail.com



Adelcio Machado dos SANTOS²
e-mail: adelcio.machado@uniarp.edu.br



Shirlei de Souza CORRÊA³
e-mail: shirlei.correa@unifebe.edu.br

Como referenciar este artigo:

ZLUHAN, M. R.; SANTOS, A.; CORRÊA, S. de S. M. dos. As juventudes e o Ensino Médio: Perspectivas de futuro. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 28, n. 00, e023017, 2024. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v28i00.19448>



| Submetido em: 17/02/2024
| Revisões requeridas em: 07/03/2024
| Aprovado em: 20/05/2024
| Publicado em: 03/07/2024

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Rede Estadual de Educação de Santa Catarina, Balneário Camboriú – SC – Brasil. Orientadora Educacional. Doutorado em Educação - Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí – SC – Brasil.

² Universidade Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador – Santa Catarina – Brasil. Docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade. Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil.

³ Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), Brusque – SC – Brasil. Docente do Programa de Pós-graduação Educação Básica na Universidade Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador – SC – Brasil. Doutorado em Educação - Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí – SC – Brasil.

RESUMO: O Brasil convive com históricas crises no Ensino Médio e diversas reformas têm buscado superar os desafios neste nível de ensino. Atualmente, vive-se um novo momento de reformulação das políticas públicas neste âmbito, já que a legislação atual apresenta fragilidades em sua implementação. A presente pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, pretende analisar a cultura juvenil e o sentido da escola de ensino médio para os jovens, a fim de que os mesmos possam se reconhecer nos currículos e no cotidiano escolar. Os altos índices de evasão e abandono no Ensino Médio devem ser ponto de atenção das políticas públicas, já que a escolarização é o ponto de partida para outras conquistas de ordem profissional, social e cultural. Considerar as transformações da trajetória juvenil ao longo da história é condição basilar para pensar as reformas do Ensino Médio, concebendo a educação como um processo de construção coletiva do saber, buscando a integralidade do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio. Juventudes. Trajetórias juvenis.

RESUMEN: *Brasil convive con históricas crisis en la Educación Secundaria y diversas reformas han buscado superar los desafíos en este nivel de enseñanza. Actualmente, se vive un nuevo momento de reformulación de las políticas públicas en este ámbito, ya que la legislación actual presenta fragilidades en su implementación. La presente investigación cualitativa, de carácter bibliográfico y documental, pretende analizar la cultura juvenil y el sentido de la escuela de educación secundaria para los jóvenes, con el fin de que puedan reconocerse en los currículos y en el cotidiano escolar. Los altos índices de deserción y abandono en la Educación Secundaria deben ser un punto de atención de las políticas públicas, ya que la escolarización es el punto de partida para otras conquistas de orden profesional, social y cultural. Considerar las transformaciones de la trayectoria juvenil a lo largo de la historia es condición básica para pensar en las reformas de la Educación Secundaria, concibiendo la educación como un proceso de construcción colectiva del saber, buscando la integralidad del ser humano.*

PALABRAS CLAVE: *Educación Secundaria. Juventudes. Trayectorias juveniles.*

ABSTRACT: *Brazil has historically faced crises in high school education, and various reforms have aimed to overcome the challenges at this educational level. Currently, there is a new wave of policy reformulation in this area, as the current legislation presents weaknesses in its implementation. This qualitative research, of a bibliographic and documentary nature, intends to analyze youth culture and the significance of high school for young people so that they can recognize themselves in the curricula and daily school life. The high dropout and abandonment rates in high school should be a focal point for public policies, as education is the starting point for other professional, social, and cultural achievements. Considering the transformations in youth trajectories throughout history is fundamental for thinking about high school reforms, viewing education as a process of collective knowledge construction, and seeking the wholeness of the human being.*

KEYWORDS: *High School. Youth. Youth Trajectories.*

Introdução

Observa-se atualmente uma grande diversidade de tipos de juventude, que podem ser categorizadas de acordo com suas características cronológicas, sociais, culturais, familiares, entre outras. Desta forma, diversos autores (Carrano, 2000, 2011; Abramovay; Castro, 2002; Abramo; Branco, 2005) adotam o termo juventudes, a fim de dar conta dessa multiplicidade.

A análise aprofundada dessa complexidade de fatores é fundamental para refletir sobre as reformas do ensino médio e sua situação de indefinição no momento histórico atual. Isso é necessário para que tais fatores possam servir como base para políticas públicas direcionadas a esse nível de ensino, garantindo que a legislação seja legitimada pelo seu público-alvo (Guerra; Cruz, 2023).

A presente pesquisa foi norteada pelos princípios da pesquisa qualitativa, ou seja, os estudos estão centrados na compreensão de realidades coletivas específicas, tentando apreender as práticas reais e as vivências cotidianas. De acordo com Lankshear e Knobel (2008, p. 66), “[...] a pesquisa qualitativa está principalmente interessada em como as pessoas experimentam, entendem, interpretam e participam de seus mundos social e cultural”. Esse tipo de pesquisa proporcionou uma compreensão da construção social das realidades em estudo, focando nas práticas cotidianas, representações e perspectivas dos participantes em seus contextos naturais, buscando entender e interpretar o contexto das transições vivenciadas pelos jovens (Flick, 2009).

O estudo também se baseia na pesquisa bibliográfica e documental como método de coleta de dados. Conforme indicado por Lakatos e Marconi (2010), essa técnica permite realizar um levantamento e, posteriormente, uma seleção de autores que abordam o tema a ser pesquisado. Essa atividade possibilita um contato direto entre o pesquisador e o material disponível. Assim, a pesquisa bibliográfica e documental proporciona acesso a estudos acadêmicos de acesso público, englobando fontes como livros, artigos científicos, teses e monografias, entre outras.

Outra característica metodológica deste estudo diz respeito ao enfoque descritivo. Compreende-se que é possível realizar uma análise detalhada do assunto em questão por meio dessas opções metodológicas. Além da identificação dos pontos focais dos textos e documentos analisados, busca-se realizar uma descrição minuciosa dos elementos teóricos, conceituais e epistemológicos referentes às políticas públicas para o Ensino Médio. Isso possibilita uma compreensão mais aprofundada do objeto de estudo, permitindo a identificação de padrões, tendências e relações que permeiam sua dinâmica.

Diante dessa proposta, o estudo tem como objetivo geral analisar a cultura juvenil e o sentido da escola de ensino médio para os jovens. Os objetivos específicos são: aprofundar o conceito de juventude; analisar a categoria juvenil no contexto do ensino médio, considerando a multiplicidade de fatores que atravessam essa etapa; e caracterizar as incertezas do ensino médio na atualidade.

A relevância científica e social deste tema reside em apontar as principais características da cultura juvenil, destacando os fatores que favorecem a permanência do jovem no ensino médio. Isso é feito por meio do conhecimento do perfil dos estudantes, de seus projetos e de suas expectativas futuras, visando identificar meios e estratégias que ampliem a possibilidade de formar um sentimento de pertencimento à escola, reconhecendo a importância do conhecimento para a construção de uma vida cidadã e democrática.

Os jovens que frequentam o Ensino Médio

De acordo com Abramovay e Castro (2002), Abramo e Branco (2005), Carrano (2000, 2011), Dayrell (2003, 2009, 2011), Groppo (2000, 2004, 2011), Pais (2009, 2010), Doutor (2016), Perondi e Vieira (2018) e Kuenzer (2009, 2017, 2023), a juventude pode ser caracterizada de duas maneiras: por ser uma fase da vida definida por aspectos lineares e homogêneos, onde todos os jovens costumam apresentar problemas de conduta; ou, em outro extremo, pela diversidade e diferenças que caracterizam cada conjunto social, com grupos juvenis distintos na sociedade dependendo de classes sociais, trabalho, interesses, etc.

Autores como Sukarieh e Tannock (2015), Pais (2010) e Groppo (2004, 2011), afirmam que a juventude é uma categoria socialmente manipulada e manipulável. A unidade estabelecida em torno dela formata todos em papéis pré-determinados, classificando os indivíduos, normatizando seus comportamentos e definindo direitos e deveres. Dessa forma, a juventude não é apenas uma ordem natural invariável, mas constitui uma ordem social e, portanto, uma criação histórica.

Para abordar o conceito de juventude, Pais (2009, 2010) adota a perspectiva metodológica do curso de vida. Embora as trajetórias dos jovens sejam singulares, elas possuem marcas culturais que expressam suas regularidades e refletem-se nas representações e no próprio curso de vida do jovem. No entanto, as linhas que delimitam as diferentes fases da vida são difusas, cabendo aos indivíduos um papel mais ativo na construção de seus projetos. Por outro lado, Groppo (2004, 2011) considera que o curso de vida assume critérios neutros e

naturais, refletindo, nas diversas áreas (ciências, educação, direito, etc.), a determinação dos estágios da vida. O critério do tempo absoluto é uma forma eficaz de reduzir as múltiplas diferenças sociais, culturais e individuais a uma única ideia universal.

O que é ser jovem? Bourdieu (1983) afirma que “juventude é só uma palavra”. Trata-se de um vocábulo polissêmico, rico em diversidade e pluralidade, que não pode ser categorizado simplesmente como um grupo de pessoas de determinada faixa etária com características e perfis próprios. A questão da idade, portanto, é uma construção social que envolve disputas de gênero e classe e não é suficiente para compreender os processos sociais nos quais os indivíduos são reconhecidos e constituídos como jovens.

O desenvolvimento juvenil ocorre por meio da interação entre a história individual e a história da sociedade, das aquisições psicossociais, e dos projetos e metas disponíveis (Krauskopf, 1998; Guerra; Cruz, 2023). O paradigma que considerava o adolescente como uma criança grande e um adulto em formação, preparando-o para consolidar seu desenvolvimento de acordo com as orientações dos adultos, não vigora mais. Sukarieh e Tannock (2015) argumentam que o conceito de juventude foi se modificando ao longo do tempo devido à interferência de agendas políticas, ideológicas e econômicas de diferentes setores, como o Estado, escolas, universidades, ONGs, corporações, mídia, entre outros. No entanto, foi por meio das políticas neoliberais que houve um exponencial incremento e popularização da categoria juvenil.

Diante dessa multiplicidade de questões que afetam a identidade juvenil na atualidade, passou-se a utilizar o termo “juventudes” (Carrano, 2000; Abramovay; Castro, 2002; Abramo; Branco, 2005) para considerar as diversidades do meio sócio-histórico, econômico, cultural e relacional, que influenciam a forma de ser jovem na atualidade.

As diferenças existentes entre as juventudes são um aspecto essencial a ser considerado, pois a padronização e generalização desse conceito podem levar a sérias distorções em relação às expectativas, ao consumo, aos grupos sociais, etc., resultando em um entendimento mitificado acerca dos jovens, que muitas vezes privilegia um discurso rígido e pessimista, rotulando essa faixa etária como um problema social. Conforme Pais (1990, p. 145): “A definição da cultura juvenil [...] é como qualquer mito, uma construção social que existe mais como representação social do que como realidade”.

Nesse sentido, é mais apropriado referir-se a jovens e juventudes, reconhecendo que cada indivíduo vivencia, experimenta e interpreta as questões de sua vida de maneira única, influenciada pela sua inserção sociocultural, valores familiares e condições educacionais. Isso

resulta em formas distintas de ser jovem e na definição de perfis sociais, culturais e afetivos variados.

Sposito (2010) e Kuenzer (2017, 2023) destacam que, por décadas, as pesquisas sobre juventude priorizaram elementos como transitoriedade, desajustes sociais, dimensões políticas e trabalho, frequentemente negligenciando os processos educacionais e a maneira como os jovens se percebem como agentes de suas próprias trajetórias. A partir dos anos 1990, o tema da juventude ganhou maior visibilidade na agenda pública e em estudos nas áreas de Pedagogia, Psicologia, Sociologia e Antropologia no contexto brasileiro.

Portanto, para definir o termo juventude na atualidade, são considerados critérios como o contexto sociocultural, o *status* social, econômico e jurídico, entre outros. Entende-se que se trata de um conceito aberto, continuamente construído no contexto do processo histórico-cultural (Melo; Borges, 2007).

O aumento da atenção dedicada à juventude tem transformado a percepção negativa de vê-la como um problema, um *déficit*, uma patologia ou uma ameaça ao tecido social, para uma visão mais positiva, alinhada com as políticas e agendas neoliberais que visam criar jovens como trabalhadores e consumidores (Sukarieh; Tannock, 2015). Nessa perspectiva, o vácuo que limitava os jovens de terem vontade própria, direitos e projetos, além de estigmatizá-los com diversos estereótipos, está sendo gradualmente superado. Atualmente, as pessoas estão em constante processo de estudo, aperfeiçoamento e movimento, rompendo com a linearidade e a segurança do passado, mantendo todos os jovens em preparação contínua para a vida.

A formação da identidade e a experiência da condição juvenil estão intrinsecamente ligadas às diversas instituições sociais que, hoje em dia, vão além das escolas, famílias, igrejas e universidades, incluindo também partidos políticos, associações classistas, equipamentos culturais, organizações de pares e mídias eletrônicas (Abramo, 2014; Viana, 2009; Lebourg; Coutrim; Silva, 2021). Contudo, o acesso a essas instituições não é igual para todos os jovens brasileiros, o que resulta em diferenças significativas dentro dessa categoria, influenciadas por sua condição social e cultural.

Nesse contexto, é relevante refletir sobre o papel da escola (Bourdieu, 1983), pois ela representa a principal instituição que proporciona aos jovens a oportunidade de se inserirem na sociedade, embora de maneira figurativa e experimental. Esse período de experimentação e adiamento das responsabilidades sociais, preparando-se para o futuro, varia conforme a condição social dos jovens. Muitos precisam conciliar a rotina escolar com o trabalho, enfrentando precocemente as demandas da vida, o que pode limitar o tempo dedicado à vivência

plena da juventude. Para alguns, ingressar no mundo do trabalho é visto como o ingresso na vida adulta e, através do salário, alcançar respeito e autonomia para decidir sobre seus próprios caminhos. Sob essa perspectiva, uma escolaridade prolongada pode ser vista como um obstáculo para concretizar seus projetos profissionais.

Na outra ponta, encontram-se os jovens oriundos de famílias economicamente e culturalmente estabelecidas, que aspiram continuar seus estudos, ingressar no Ensino Superior e na Pós-Graduação, estudar no exterior e seguir uma carreira profissional visando sucesso e reconhecimento.

Krauskopf (1998) argumenta que as transformações sociais, econômicas e culturais têm influenciado diretamente as relações entre as gerações, os sexos e as instituições sociais. A autora salienta que as diferenças entre as classes sociais⁴ definem como os grupos juvenis se posicionam na sociedade, sendo que os avanços tecnológicos, nem sempre acessíveis a todos, promovem dualidade e heterogeneidade.

A trajetória juvenil no Ensino Médio brasileiro

Inicialmente, é crucial examinar os números de jovens regularmente matriculados no Ensino Médio no Brasil. Segundo o Censo da Educação Básica (2023), foram registradas 7,7 milhões de matrículas no ensino médio, com uma queda de 2,4% em relação ao ano anterior. As matrículas integradas à educação profissional aumentaram 32,2% nos últimos cinco anos, passando de 623.178 em 2019 para 823.587 em 2023 (MEC/INEP, 2023).

Os dados do Censo (MEC/INEP, 2023) também revelam que, dos 22,5 milhões de jovens de 18 a 24 anos no país,

- 21,2% abandonaram o Ensino Médio;
- 9,9% frequentam o Ensino Médio;
- 1,2% ainda frequentam o Ensino Fundamental;
- 20,2% frequentam o Ensino Superior;
- 4% já concluíram o Ensino Superior.

⁴ Não existe consenso na literatura sociológica sobre o conceito de classe e tampouco sobre sua operacionalização[...] ou seja, o que diferencia os pobres, a classe média e os ricos é a renda média de cada grupo, que indica sua capacidade de consumo e seu nível de bem-estar. Assim, cada uma das classes – baixa, média, e alta – se apropria de um terço da renda total, e o que as diferencia é o tamanho e, conseqüentemente, a renda média (Osório, 2009, p. 868-869).

Os dados anteriores levantam uma questão: quais são os motivos que levam um número significativo de jovens a abandonar a escola? Muitos estudantes expressam insatisfação com a escola, mencionando a falta de espaços para diálogo, participação e interação. Eles também lamentam a ausência de aulas diversificadas com recursos inovadores, professores motivados e atividades culturais e recreativas que possam ampliar a sociabilidade e a interação entre os grupos.

A falta de sentido na vida escolar é mais um dos desafios enfrentados pelos jovens. Manter o foco nas explicações dos professores, nos livros didáticos, nas avaliações e outras atividades pedagógicas torna-se difícil quando os problemas do cotidiano dominam seus pensamentos: dificuldades para conseguir o primeiro emprego, salários baixos, falta de moradia, gravidez na adolescência, conflitos familiares, entre outros.

Quanto ao ensino em tempo integral, em 2023, 20,4% dos matriculados no ensino médio passaram pelo menos 35 horas semanais na escola ou em atividades escolares (ou o equivalente a uma média de 7 horas diárias, considerando cinco dias de atividade semanal), sendo classificados como alunos de tempo integral (MEC/INEP, 2023).

Dentre esses alunos do ensino médio, 87,7% estão matriculados na rede pública, ao contrário do ensino superior, onde a maioria das matrículas ocorre na rede privada. Essa disparidade reforça a necessidade de políticas públicas que facilitem o acesso dos estudantes do ensino médio ao ensino superior por meio de bolsas e/ou financiamento (INSTITUTO SEMESP, 2023).

Na tentativa de abordar os diversos problemas neste nível de ensino, a Lei n.º 13.415/2017 promoveu alterações significativas na estrutura curricular do ensino médio, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394/1996). Entre as mudanças, destaca-se a ampliação da carga horária mínima do estudante na escola (de 2.400 horas para 3.000 horas ao longo dos três anos do curso), a adoção de uma nova organização curricular alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a introdução dos itinerários formativos, focados em áreas de conhecimento (Matemática e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e em formação técnica e profissional (Brasil, 2017).

Segundo Corti (2019), essa reforma segue uma lógica de redução curricular e atende aos interesses de diminuição de custos com a educação, permitindo que até 40% da carga

horária seja cumprida via Educação a Distância (EAD), enquanto a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode ser oferecida integralmente nessa modalidade.

O ano de 2022 foi estabelecido como prazo limite para a implementação da ampliação da carga horária no ensino médio. Dados do Censo Escolar 2023 (MEC/INEP, 2023) indicam que a maioria das redes de ensino já implementou características do novo ensino médio nas primeiras e segundas séries.

Contudo, foram identificadas algumas fragilidades neste novo modelo, como a redução da carga horária para disciplinas da Base Comum, disparidades na implementação dos itinerários formativos entre escolas públicas e privadas, materiais didáticos de apoio insuficientes e superficiais, falta de recursos pedagógicos, formação docente inadequada, estruturas físicas escolares inadequadas e insuficientes, dificuldades dos alunos em mudar de itinerário formativo, problemas decorrentes de transferências escolares e falta de alocação suficiente de recursos financeiros, entre outros.

O governo federal lançou uma consulta pública para permitir a participação democrática da sociedade civil na formulação de uma nova reforma para o ensino médio, visando melhorias no modelo atual. A legislação anterior foi modificada pelo Projeto de Lei n.º 5.230/2023, aprovado pela Câmara dos Deputados e atualmente em análise no Senado Federal. O texto aprovado amplia a carga horária das disciplinas obrigatórias e reduz o tempo dos itinerários formativos, mantendo, no entanto, a carga final de 3.000 horas.

Outra iniciativa voltada para a permanência dos jovens no ensino médio é o Programa Pé de Meia, do Governo Federal, que visa reduzir a evasão escolar através do pagamento de incentivos anuais de R\$ 3 mil por beneficiário, totalizando até R\$ 9,2 mil ao longo dos três anos do ensino médio, com um adicional de R\$ 200 pela participação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Para Kuenzer (2009, 2017, 2023), o desafio reside em um modelo ambivalente de ensino médio que busca preparar tanto para a continuidade dos estudos quanto para o ingresso no mercado de trabalho. A autora argumenta que essa dualidade é resultado de uma rede que oferece educação profissionalizante para jovens já inseridos no mercado de trabalho ou buscando qualificação rápida para ingresso na vida profissional, ao mesmo tempo que oferece uma educação geral para aqueles que aspiram ingressar no ensino superior, refletindo assimetrias significativas de vida e perspectivas futuras, reforçando desigualdades de classe.

É neste cenário que o ensino médio deve formular suas diretrizes curriculares, considerando um vasto contingente de jovens diferenciados por condições de vida e

perspectivas diversas. É a partir deste contexto que se deve abordar sua concepção (Arroyo, 2012a, 2012b). Diante dos desafios estruturais e pedagógicos atuais do ensino médio, Oliveira (2012) destaca a necessidade de compreender essa fase educacional em sua complexidade.

[...] uma leitura das políticas públicas vigentes, as quais [...] reúnem diariamente, no interior das salas de aula brasileiras, jovens cujos destinos sociais já se encontram fixados, pré-determinados pela precarização da vida pessoal de seus professores mal remunerados e pelo abandono estrutural a que se veem confinados em suas escolas; no entanto, esses mesmos sujeitos comumente são proclamados publicamente como participantes de um processo nomeado de universalização do ensino médio [...] (Oliveira, 2012, p. 49-50).

Segundo o IBGE (2023), o Brasil registrou 48,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade, com 15,3% deles ocupados e estudando, 19,8% não ocupados e não estudando, 25,5% não ocupados, mas estudando (equivalente a 7,7 milhões de matrículas no ensino médio), e 39,4% ocupados, mas não estudando.

A alta proporção de jovens fora da escola requer uma análise multifacetada. Não há um único fator responsável por esses altos índices de evasão e repetência, e não se pode atribuir exclusivamente à escola toda a responsabilidade por essa crise. É essencial considerar também fatores políticos, sociais, culturais, econômicos e familiares, pois todas as adversidades enfrentadas pela sociedade refletem-se nas instituições escolares e influenciam as dinâmicas estabelecidas lá.

É preocupante observar que muitos jovens, após anos de educação escolar, não recebem o suporte necessário para seu desenvolvimento cognitivo e aprimoramento de habilidades, que são essenciais para sua inserção significativa no mundo. Os valores e aspirações dos jovens muitas vezes não se alinham com a disciplina, o esforço pessoal e a transmissão de conhecimento que a escola oferece, resultando em desencontros de expectativas, tensões e conflitos no ambiente escolar. Essa situação evidencia uma crise nos modelos educacionais atuais, demandando uma ampla discussão e reavaliação das políticas públicas para atender às necessidades dessa diversificada clientela, proveniente de realidades extremamente diversas, mas unida pelo objetivo comum de encontrar seu lugar na sociedade.

A cultura juvenil e seus desdobramentos devem constituir um eixo central na formação docente, dado que os professores desempenham um papel crucial na interação com os estudantes jovens. Ao compreenderem a intrincada teia de relações que compõem a cultura juvenil, os professores serão capazes de articular mais eficazmente os interesses e necessidades dos jovens com os objetivos educacionais, promovendo maior aderência destes ao projeto

educativo. A crise no Ensino Médio é reflexo da falta de reconhecimento das múltiplas identidades juvenis, com a escola frequentemente priorizando o cumprimento do currículo e a aprovação dos estudantes (Carrano, 2000, 2011; Dayrell; Jesus, 2016).

Os problemas enfrentados pela escola refletem questões sociais mais amplas, como o declínio da alteridade, a sobrecarga de informações, a pressão por desempenho, a fragmentação das relações sociais e a violência estrutural. Sposito (2010) argumenta que entender os conflitos educacionais dos jovens requer compreender como eles são moldados social e culturalmente pelos espaços que frequentam, pelas interações que mantêm e pela maneira como lidam com as demandas do mundo contemporâneo.

Portanto, é crucial que a escola não seja dissociada de seu contexto social e de sua trajetória histórica na humanidade (Arroyo, 2012a, 2012b). Todos os conflitos e desafios enfrentados no cotidiano escolar são reflexos de políticas públicas, interesses hegemônicos e da influência da política neoliberal, que muitas vezes relega a importância do conhecimento, da pesquisa e do saber em favor de objetivos utilitaristas e interesses pessoais.

Carrano (2010, 2011) argumenta que a educação brasileira foi fundamentada em um modelo pedagógico alienante, desumanizador e deformador, que suprime a rica diversidade de experiências, empobrecendo os processos de produção de conhecimento e de formas de pensamento. Segundo Dayrell (2003) e Dayrell e Jesus (2016), a escola é polissêmica e, em sua diversidade, assume uma multiplicidade de significados. No entanto, é crucial refletir: os alunos reconhecem os espaços, tempos, relações e projetos da escola? Essas interpretações variam significativamente e são influenciadas pelos diferentes grupos sociais que transitam pelo ambiente escolar, atribuindo-lhe diferentes significados.

Existe um claro descompasso entre as expectativas dos alunos, seus projetos de vida, interesses e a realidade da sala de aula. Corti (2009, 2019) discute a diversidade cultural, as desigualdades sociais e econômicas que permeiam o cotidiano escolar, demandando uma reformulação da escola. É diante de um público juvenil extremamente diversificado, que traz para dentro da escola as contradições sociais, que o novo ensino médio está sendo moldado. As desigualdades sociais passam a tensionar a instituição escolar e a gerar novos conflitos.

Schlickmann (2013) observa nos jovens uma orientação para o futuro. Eles desfrutam do presente, envolvendo-se em atividades sociais com amigos, divertindo-se, refletindo uma forte tendência de viver o momento presente, pois o futuro parece incerto e conflituoso, não oferecendo perspectivas claras. Além das expressões culturais, a sociabilidade é outra dimensão

crucial ao se discutir a juventude, especialmente considerando as transformações significativas nas interações sociais através das redes digitais.

Para Corti (2019), vivemos um momento de transição nos paradigmas educacionais e culturais, marcado pela contraposição entre uma educação focada na transmissão de conteúdos, disciplina, autorregulação e valores conservadores, e outra mais democrática, crítica e plural, na qual o aluno é protagonista de sua própria jornada educativa. Neste último modelo, o ensino é concebido como um processo coletivo de construção do conhecimento, capacitando os alunos a atuarem de forma eficaz em seus contextos sociais. As reformas do ensino médio representam uma arena crucial na superação dos desafios educacionais para diversos governos, independentemente de sua orientação política.

Os desafios para estabelecer uma relação efetiva dos jovens com o ensino médio são diversos. A democratização e universalização desse nível de ensino não garantem, por si só, sua qualidade. O ensino médio precisa definir sua identidade como etapa final da Educação Básica, sendo decisivo para muitos jovens que encerram sua trajetória escolar neste ponto, sem outra oportunidade para remediar as fragilidades e deficiências do processo educacional.

Schlickmann (2013) sugere que a consciência absorve o que desperta interesse. Assim, para promover dinamismo, interesse e ação, a educação precisa escapar do óbvio, do previsível e da rotina. Portanto, uma escola comprometida com a democratização do ensino médio e com a promoção da permanência e conclusão dos estudos deve ouvir os alunos quanto às suas expectativas e projetos. Isso permite alinhar os objetivos individuais e coletivos da juventude com os objetivos educacionais, buscando, de forma colaborativa, soluções para os desafios educacionais atuais.

Nesse sentido, as políticas públicas educacionais e as instituições de ensino precisam considerar os jovens não apenas como beneficiários, mas como agentes ativos, integrando suas vozes e expectativas no processo educativo de forma mais significativa.

Considerações finais

A trama do desenvolvimento juvenil se desenrola em meio a uma diversidade de contextos e possibilidades, ganhando visibilidade crescente no século XXI e apresentando uma variabilidade cada vez maior na transição para a vida adulta. Os conceitos de juventude são construções sociais que se fundamentam em diversos campos do conhecimento, épocas históricas variadas e fenômenos sociais distintos, estando assim em constante evolução. Estes

conceitos são influenciados por fatores como idade, papel social, relação com o trabalho, saída da casa dos pais e formação de novas famílias.

As limitações deste estudo residem na dificuldade de obter uma visão abrangente das desigualdades sociais, regionais e das condições de vida que determinam as diversidades e especificidades das múltiplas juventudes. Sem essa compreensão das trajetórias juvenis, a análise das necessidades e desafios enfrentados por eles nesta fase da vida pode ser comprometida devido à generalização de conceitos.

Portanto, esta pesquisa destaca a importância de compreender as diversas características, significados e transformações das trajetórias juvenis ao longo da história. Isso é essencial para desenvolver recursos que permitam uma compreensão mais profunda de sua cultura, conectando heranças de representações historicamente construídas com desafios e tensões das relações contemporâneas. Essas reflexões são fundamentais para pensar as reformas do ensino médio, especialmente ao oferecer aos alunos a escolha entre áreas acadêmicas ou formação técnico-profissional. Isso requer significativos recursos humanos, materiais e um ambiente propício ao diálogo. Caso contrário, corre-se o risco de implementar reformas educacionais vazias de sentido, incapazes de engajar efetivamente os milhares de jovens brasileiros em sua formação educacional.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. (org.). **Estação juventude: conceitos fundamentais** – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. Brasília, DF: SNJ, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/politicas%20de%20juventude1.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2015.

ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (org.) **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (coord.) **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

BOURDIEU, P. A Juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 151-162.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e estabelece mudanças na estrutura do ensino médio. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, p. 1, 17 fev. 2017. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13415&ano=2017&ato=115MzZE5EeZpWT9be>. Acesso em: 24 maio 2024.

BRASIL. Projeto de Lei nº 5.230, de 2023. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nº s 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, e 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/vbbQK>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**, Niterói, n. 01, p. 11-27, 2000.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24209>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CORTI, A. P. Uma diversidade de sujeitos: juventude e diversidade no Ensino Médio. *In: Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. Brasília, DF: MEC, 2009. ano xix.

CORTI, A.P. Política e significantes vazios: uma análise da reforma do ensino médio de 2017. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, e201060, 2019. DOI: 10.1590/0102-4698201060.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. DOI: 10.1590/S1413-24782003000300004.

DAYRELL, J. Uma diversidade de sujeitos: o aluno do ensino médio – o jovem desconhecido. *In: Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. Brasília, DF: MEC, 2009. ano xix.

DAYRELL, J. Os jovens contemporâneos e a escola: entrevista com o sociólogo Juarez Dayrell. **Revista Interlocução**, Belo Horizonte, v. 5, n. 5, p. 13-27, dez. 2011.

DAYRELL, J; JESUS, R.E. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vDyjXnzDWz5VsFKFzVytpMp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

DOUTOR, C. Una mirada sociológica sobre los conceptos de juventud y prácticas culturales: perspectivas y reflexiones. **Última década**, [S. l.], v. 24, n. 45, p. 159-174, 2016. DOI: 10.4067/S0718-22362016000200009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFIL, 2000.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, ano 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/5-Dialetica-das-juventudes-modernas.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GROPPO, L. A. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. In: SOUSA, J. T. P.; GROppo, L. A. (org.) **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo**. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 11-29.

GUERRA, É. T.; CRUZ, M. C. M. T. Intersetorialidade e políticas públicas para as juventudes: contribuições de produções acadêmicas. **Cadernos Gestão Pública E Cidadania**, [S. l.], v. 28, e84619, 2023. DOI: 10.12660/cgpc.v28.84619.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Educação 2023. Brasília, DF: IBGE, 2023. Disponível em: <https://loja.ibge.gov.br/pnad-continua-educac-o-2023.html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

INSTITUTO SEMESP. **Mapa do Ensino Superior**. 13. ed. São Paulo: Convergência Comunicação Estratégica, 2023. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/mapa-do-ensino-superior-no-brasil-2023.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

KRAUSKOPF, D. **Dimensiones críticas en la participación social de las juventudes**. Participación y Desarrollo Social en la Adolescencia. Fondo de Población de Naciones Unidas en San José, Costa Rica, 1998.

KUENZER, A. Z. (org.). **Ensino médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KUENZER, A. Z. Trabalho e escola: a flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n.º. 139, p.331-354, abr.-jun., 2017. DOI: 10.1590/ES0101-73302017177723.

KUENZER, A.Z. PL1.603/1996: o jogo ideológico e econômico da educação dos mais pobres no Brasil neoliberal. **Revista Trabalho Necessário**, [S. l.], v. 21, n. 44, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/57608/34100>. Acesso em: 10 out. 2023

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEBOURG, E. H.; COUTRIM, R. M. da E.; SILVA, L. C. Juventude e transição para o ensino médio: desafios e projetos de futuro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [S. l.], v. 102, n. 260, p. 82–98, 2021. DOI: 10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4149.

MELO, S. L.; BORGES, L. O. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Revista psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 376-395, 2007. DOI: 10.1590/S1414-98932007000300002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Básica 2023**. Brasília, DF: MEC, INEP 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

OLIVEIRA, A. M. **Entre consumidores e internautas**: a outra face da crise do ensino médio no Brasil. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3459/OLIVEIRA,%20ADRIANO%20MACHADO.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

OSÓRIO, R. G. Classe, raça e acesso ao ensino superior no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 867-880, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/TfrMTnds5Qjic4DDsvrMXwb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, Portugal, v. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282670420_A_Construcao_Sociologica_da_Juventude_-_alguns_contributos. Acesso em: 15 jul. 2023.

PAIS, J. M. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009. DOI: 10.1590/S0104-12902009000300003.

PAIS, J. M. Cursos de vida, padronizações e distrimias. In: PAIS, J. M.; FERREIRA, V. S. (ed.). **Tempos e transições de vida**: Portugal ao espelho da Europa. Lisboa: ICS, 2010. p. 19-35. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11578>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PERONDI, M.; VIEIRA, P. M. A construção social do conceito de juventudes. In: PERONDI, M. M.; SCHERER, G. A.; VIEIRA, P. M.; GROSSI, P. K. (org.). **Infâncias, adolescências e juventudes na perspectiva dos direitos humanos**: onde estamos? Para onde vamos? Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2018.

SCHLICKMANN, V. **Os sentidos da experiência escolar para os jovens do ensino médio**: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS. [S. l.: s. n.], 2013.

SPOSITO, M.P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. esp., p. 95-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/VBNtmgt3MYnSwYS8HFM9LSJ/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SUKARIEH, M.; TANNOCK, S. **Youth rising?** The politics of youth in the global economy. New York; London: Routledge, 2015.

VIANA, N. Juventude e identidade. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan./fev. 2009. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/1022>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Por tratar-se de um texto de pesquisa bibliográfica e documental, não necessitou ser aprovado pelo Comitê de Ética.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais de livre acesso na internet apresentam os respectivos links disponibilizados nas referências. As obras físicas são de acervo institucional e pessoal.

Contribuições dos autores: Todos os autores tiveram participação significativa na concepção do estudo, coleta de dados e análise/interpretação de dados, bem como na revisão final do artigo. Quanto à redação do texto, cada autor se aprofundou mais na sua área de pesquisa, contribuindo com seu conhecimento.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

